

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL PÓS
GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ÊNFASE EM ESPAÇOS
EDUCADORES SUSTENTÁVEIS**

OLINDA DA SILVA

REAPROVEITAMENTO DE PALLETES

Matinhos, PR
Junho /2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL PÓS
GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ÊNFASE EM ESPAÇOS
EDUCADORES SUSTENTÁVEIS**

OLINDA DA SILVA

Reaproveitamento de Palletes

Relatório de Projeto de Intervenção apresentado ao programa de Pós Graduação em Educação Ambiental com Ênfase em Espaços Educacionais Sustentáveis da UFPR. Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação Ambiental.

Professor Orientador: Almir Carlos Andrade

Matinhos – PR
Junho - 2015

OLINDA SILVA

Dedico esse trabalho a Deus que esteve comigo nesse caminhada me capacitando, a minha família, aos amigos que construí durante essa jornada, aos professores e em especial a minha tutora Neuzeli Paula dos Santos e também ao meu professor orientador Almir Carlos Andrade.



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
UFPR Litoral
Curso de Especialização Educação Ambiental com
Ênfase em Espaços Educadores Sustentáveis



PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Orientador, Professor Mestre **ALMIR CARLOS ANDRADE**, realizaram em 26/06/2015 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **OLINDA DA SILVA**, sob o título "*Atividade de intervenção de educação ambiental abordando a importância da reutilização de palletes.*", para obtenção do Título de *Especialista em Educação Ambiental com ênfase em espaços Educadores Sustentáveis* pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo a estudante recebido conceito "**APL**".

Matinhos, 26 de junho de 2015.

Prof. MSC. **ALMIR CARLOS ANDRADE**

Prof.^a Dra. **LENIR MARISTELA SILVA**



OLINDA DA SILVA
Estudante

Conceitos de aprovação
APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

Rua Jaguariaíva, 512 - Caiobá, CEP: 83260-000 - Matinhos – PR

Agradeço primeiramente a Deus, que me capacitou e me carregou literalmente durante essa caminhada. Ao professor MSc. Rangel Angelotti que provocou a turma durante uma de suas aulas, porém deu subsídios para que pudéssemos caminhar e procurar soluções.

A comunidade escolar que acreditou e apoiou meu projeto, e a meu marido que sempre me incentivou e apoiou quando percebia que eu estava cansada e sem forças para continuar.

Se cada um fizer sua parte, podemos reduzir os danos causados ao meio ambiente e preservar o nosso planeta, para que as gerações futuras também possam usufruir dos recursos naturais tão importantes a nossa existência.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	8
1	A HISTORICIDADE DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	10
2	EDUCAÇÃO AMBIENTAL CIDADANIA E SUSTENABILIDADE.....	15
3	SUSTENTABILIDADE.....	16
3.1	CONHECER A REALIDADE PARA MUDAR	16
4	RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO	19
5	DESTINO DADO AO MATERIAL QUE SOBROU.....	27
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
	REFERÊNCIAS.....	31

RESUMO

O projeto de intervenção de sustentabilidade de cunho socioambiental iniciou na Escola Municipal João Curupaná da Silva e continuou em uma residência da comunidade por motivo de reforma na escola e o foco principal foi a reutilização de pallets para confecção de móveis para família carente. No começo a clientela envolvida foram alunos do 5ª ano da escola que frequentavam o Projeto Mais Educação, funcionários da escola, pais e a comunidade. No decorrer do projeto percebemos a necessidade de outros materiais como courvim, para construção das almofadas e pó de moletom para fazer o enchimento. Com a necessidade de outros produtos o foco do projeto foi transferido para o pó de moletom, produto que ganhamos da mãe de um aluno que tem fábrica de travesseiro e que havia ganhado o produto e não tinha utilidade para ela. Reaproveitamos o pó de moletom e as sobras foram divididas entre as pessoas envolvidas no projeto e que utilizaram em construção de almofadas, colchões para sala de televisão. Os palletes além dos móveis ainda foram utilizados pela comunidade como suporte para plantas. O trabalho foi proveitoso e nos abriu leques de sugestões para aproveitamento de produtos que seriam descartados e reverteriam em prejuízos irreversíveis para a humanidade.

Palavras chaves: Meio Ambiente, Palletes, Sustentabilidade

INTRODUÇÃO

A preocupação das pessoas hoje com o meio ambiente, desenvolvimento e sociedade vai além de cuidar do seu lixo do dia-a-dia, busca-se também uma sustentabilidade, o reaproveitamento e a transformação de produtos, possibilitando com isso, menos desgaste da natureza, menos poluição, e também com o reaproveitamento de materiais recicláveis pode-se garantir uma renda a mais a pessoa.

A complexidade desse processo de transformação de um planeta, não apenas crescentemente ameaçado, mas também diretamente afetado pelos riscos socioambientais e seus danos, é cada vez mais notória. A concepção “sociedade de risco”, de Beck (1992), amplia a compreensão de um cenário marcado por nova lógica de distribuição dos riscos.

A palavra “sustentabilidade” populariza-se e legitima-se com o “Relatório Brundtland, nosso futuro comum”, a qual está relacionada ao desenvolvimento sustentável, que é aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades. De acordo com a Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1988, tem dois conceitos, o conceito de “necessidades”, sobretudo as essenciais dos pobres do mundo, que devem receber a máxima prioridade, e em segundo a noção de limitações das tecnologias e da organização social impõe ao meio ambiente.

De acordo com Barbieri e Cajazeira (2009), são várias as dimensões da sustentabilidade: social, econômica, ecológica, espacial, cultural, política e institucional. Entretanto, no âmbito das organizações consideram-se três dimensões, específicas da atuação organizacional, sendo elas: a econômica, a social e a ambiental. Assim, uma organização sustentável busca alcançar seus objetivos atendendo simultaneamente os seguintes critérios: equidade social, prudência ecológica e eficiência econômica. (BARBIERI e CAJAZEIRA, 2009, p. 69-70)

O problema ambiental encontrado no ecossistema não é apenas decorrente das indústrias e empresas, pois a maior parte da população do Brasil vive em cidades, totalizando 84%, e apenas 16% vivem em zonas rurais,

e que a quantidade da população também influencia no meio ambiente, é o que informa a 4ª Conferência Nacional do Meio Ambiente de 2013.

Por serem vários os meios de poluição do planeta, englobando praticamente todas as áreas sociais existentes, desde os primórdios da vida humana na terra, veio à necessidade de um maior embasamento na área ambiental esse contexto a pesquisa foi realizada com base em uma leitura comparativa com a Declaração Final da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20) direcionado para os temas de Desenvolvimento Sustentável e Responsabilidade Ambiental.

Decorrente aos problemas ambientais surge muitas vezes à necessidade das pessoas em reciclar produtos e esses serem transformados em novos produtos. Produtos estes que podem ser novas fontes de renda, materiais de utilização em casas e escolas. Foi pensando dessa maneira que surgiu a ideia do projeto da reciclagem ou transformação de palletes de madeiras utilizados no transporte de cargas em caminhões em produtos ou moveis de decoração para a escola, sendo esses feitos com a participação da comunidade, dos alunos e funcionários da escola para a utilização dos alunos em sala.

Desta forma, tentamos conscientizar a comunidade em geral que se haver um pouco de esforço, união, não só deixaremos de poluir o meio ambiente, mas também, fazer destes materiais uma nova fonte de renda, sendo que muitas vezes esses materiais são jogados fora pelas empresas vindas a poluir o meio ambiente em geral.

1 A HISTORICIDADE DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Construir uma nova educação passando pelas graves e urgentes questões ambientais é uma tarefa inadiável. Cabe a nós, na condição da educação não permitir a mediocridade da humanidade e nos impeça da realização dessa tarefa. A luta por uma Educação Ambiental, livre aberta, e acima de tudo com uma política ambiental ética e correta.

Preocupados com o futuro do planeta, a Organização das Nações Unidas (ONU), juntamente com os Estados e a comunidade científica, realizou a Primeira **Conferência Mundial sobre o Homem e o Meio Ambiente**, visando amenizar a problemática: homem versus natureza. Esse evento ocorreu nos dias 5 a 16 de junho do ano de 1972, na capital sueca, Estocolmo (MACHADO, 2006; MORADILLO ET AL., 2004)

Visando sanar as questões discutidas durante Conferência de Estocolmo, foram votados setes pontos, referentes às responsabilidades e comportamentos ideais para guiar as questões relativas ao meio ambiente, que compõem o preâmbulo da Declaração das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, também conhecida como Declaração de Estocolmo. (ONU, 1972)

A partir da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental realizada em Tsibilisi (EUA), em 1977, inicia-se um amplo processo em nível global orientado para criar as condições que formem uma nova consciência sobre o valor da natureza e para reorientar a produção de conhecimento baseada nos métodos da interdisciplinaridade e nos princípios da complexidade.

Ao buscarmos a historicidade da Educação Ambiental, descobrimos que desde o descobrimento do Brasil já acontece degradação ambiental em nosso país, a qual começou a quinhentos anos, por meio da exploração e dominação, o Brasil foi perdendo pouco a pouco as riquezas naturais que aqui existiam.

Segundo Schumacher e Hoppe afirmam que,

A grande riqueza existente no território brasileiro por ocasião do seu descobrimento levou os homens a apoderarem-se de tudo e a explorar de forma irracional os recursos naturais, abastecendo e enriquecendo todos aqueles que administravam o Brasil colônia e muitos outros países que por interesse, puramente econômico,

também se serviram do potencial da terra. (SCHUMACHER E HOPPE, 1997, p. 01)

Conclini lembra que,

A penetração capitalista na América, na conquista e na colônia, fez-se pela desarticulação do universo indígena e a reorganização do sistema econômico e cultural pré-colombiano. Ao lado da privatização da terra e do enfraquecimento dos laços de solidariedade comunitária, acentuou-se a desigualdade socioeconômica e impôs-se um novo sistema ideológico, isto é, com novos valores. (CONCLINI, 1983, p.75)

Para tanto se faz necessário o resgate, junto à família, comunidades e escolas, de valores sociais e ambientais, de respeito, solidariedade, compromisso, comprometimento, amor, entre outros; para a recuperação de atitudes coerentes e corretas frente à estas situações, uma vez que, a visão das gerações de jovens e crianças, está cada dia mais acentuada, de forma que, estes seres, já trazem enraizados em si a noção de natureza à disposição do ser humano, e de comportamentos considerados um pouco anti-ambientais, com uma consciência na qual nada de pior pode acontecer.

Segundo Medina:

...o ambiente se gera e se constrói ao longo do processo histórico de ocupação e transformação do espaço por parte de uma sociedade. Portanto, surge como síntese histórica das relações de intercâmbio entre sociedade e natureza. (...) O homem entrou na história acreditando ser o centro do universo, capaz de transformar a natureza e de utilizar os recursos naturais para si, não somente abrangendo o ecossistema e suas inter-relações. Pensou em sua sobrevivência, progresso e conforto, e deixou de pensar que os recursos são esgotáveis e que se a Terra ficar imprópria para a nossa moradia não teremos para onde fugir. (MEDINA, 1994, p.9)

Esse campo educativo tem sido fertilizado transversalmente, e isso tem possibilitado a realização de experiências concretas de Educação Ambiental de forma criativa e inovadora por diversos segmentos da população e em diversos níveis de formação. O documento da Conferência Internacional sobre Meio Ambiente e Sociedade, Educação e Consciência Pública para Sustentabilidade, realizada em Tessalônica (Grécia), chama a atenção para a necessidade de se articularem ações de educação ambiental baseadas nos conceitos de ética e sustentabilidade, identidade cultural e diversidade, mobilização e participação e práticas interdisciplinares (Sorrentino, 1998).

A Educação Ambiental foi lançada oficial e mundial, na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente, realizada em Estocolmo, em 1972. Nela foi discutida a questão da educação em relação ao meio ambiente, e se estabeleceu segundo Lima apud Guimarães (1984, p. 215) uma nova abordagem multidisciplinar, que aponta como solução, uma: “nova área do conhecimento, abrangendo todos os níveis de ensino, incluindo o nível não formal, cuja finalidade é a de sensibilizar a população para os cuidados ambientais”

O conceito de desenvolvimento sustentável surge para enfrentar a crise ecológica, surgindo duas correntes, as quais alimentaram o processo.

Sendo a primeira, centrada no trabalho do Clube de Roma, a qual reúne suas ideias, publicada sob o título de “Limites do Crescimento”, segundo as quais, para alcançar a estabilidade econômica e ecológica propõe-se o congelamento do crescimento da população global e do capital industrial, mostrando a realidade dos recursos limitados e indicando um forte viés para o controle demográfico (Meadows et al., 1972).

Uma segunda ideia está relacionada com a crítica ambientalista ao modo de vida contemporâneo, e se difundiu a partir da Conferência de Estocolmo em 1972. Tem como pressuposto a existência de sustentabilidade social, econômica e ecológica. Estas dimensões explicitam a necessidade de tornar compatível a melhoria nos níveis e qualidade de vida com a preservação ambiental. Surge para dar uma resposta à necessidade de harmonizar os processos ambientais com os socioeconômicos, maximizando a produção dos ecossistemas para favorecer as necessidades humanas presentes e futuras.

Com o Relatório Brundtlandt, em 1987, também conhecido como “o Nosso futuro comum”, Sua definição mais conhecida foi elaborada pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, defende a ideia do “desenvolvimento sustentável”. O desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades, indicando um ponto de inflexão no debate sobre os impactos do desenvolvimento. Não só reforça as necessárias relações entre economia, tecnologia, sociedade e política como chamam a atenção para a necessidade do reforço de uma nova

postura ética em relação à preservação do meio ambiente, caracterizada pelo desafio de uma responsabilidade tanto entre as gerações quanto entre os integrantes da sociedade dos nossos tempos.

Esta concepção baseou-se em dois conceitos-chave: 1- o conceito de “necessidades”, sobretudo as necessidades essenciais dos pobres no mundo, que devem receber a máxima prioridade; 2- a noção das limitações que o estágio da tecnologia e da organização social impõe ao meio ambiente, impedindo-o de atender às necessidades presentes e futuras.

Assim, desenvolvimento sustentável não significa somente a conservação dos recursos naturais, mas, sobretudo um planejamento territorial, das áreas urbanas e rurais, um gerenciamento dos recursos naturais, um controle e estímulo às práticas culturais, à saúde, alimentação e, sobretudo, qualidade de vida com distribuição justa de renda per capita

Na Rio 92, o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, coloca princípios e um plano de ação para educadores ambientais, estabelecendo uma relação entre as políticas públicas de educação ambiental e a sustentabilidade. Enfatizando os processos participativos na promoção do meio ambiente, voltados para a sua recuperação, conservação e melhoria, bem como para a melhoria da qualidade de vida.

É importante ressaltar que, apesar das críticas a que tem sido sujeito, o conceito de desenvolvimento sustentável representa um importante avanço, na medida em que a Agenda 21 Global, como plano abrangente de ação para o desenvolvimento sustentável no século XXI, considera a complexa relação entre o desenvolvimento e o meio ambiente numa variedade de áreas, destacando a sua pluralidade, diversidade, multiplicidade e heterogeneidade. (JACOBI,1997)

A Agenda 21 Global reconhecia, desde o início, que o desenvolvimento sustentável e a proteção do meio ambiente só se viabilizariam com o apoio das comunidades locais. No Brasil, a partir de 1992, alguns estados e vários municípios decidiram construir suas Agendas 21. No nível nacional, o processo começou em 1997, por iniciativa do Ministério do Meio Ambiente, envolvendo cerca de 40 mil pessoas nas discussões estaduais, e foi concluído em 2002.

Novaes avalia que este foi o maior processo de participação para definir políticas públicas no Brasil (apud GALLO, 2007).

Hoje, o avanço para uma sociedade sustentável é permeado de obstáculos, na medida em que existe uma restrita consciência na sociedade a respeito das implicações do modelo de desenvolvimento em curso, o qual se afirma que as causas básicas que provocam atividades ecologicamente predatórias são atribuídas às instituições sociais, aos sistemas de informação e comunicação e aos valores adotados pela sociedade. Isso implica principalmente a necessidade de estimular uma participação mais ativa da sociedade no debate dos seus destinos, como uma forma de estabelecer um conjunto socialmente identificado de problemas, objetivos e soluções.

O caminho a ser desenhado passa necessariamente por uma mudança no acesso à informação e por transformações institucionais que garantam a acessibilidade e transparência na gestão. (JACOBI, 1997)

A sustentabilidade é vista como um novo critério básico e integrador necessitam ser estimulado permanentemente as responsabilidades éticas, na medida em que a ênfase nos aspectos extra econômicos serve para reconsiderar os aspectos relacionados com a equidade, a justiça social e a própria ética dos seres vivos. A noção de sustentabilidade implica, portanto, uma inter-relação necessária de justiça social, qualidade de vida, equilíbrio ambiental e a ruptura com o atual padrão de desenvolvimento (JACOBI, 1997).

Nesse contexto, segundo Reigota (1998), a educação ambiental aponta para propostas pedagógicas centradas na conscientização, mudança de comportamento, desenvolvimento de competências, capacidade de avaliação e participação dos educandos. Para Pádua e Tabanez (1998), a Educação Ambiental propicia o aumento de conhecimentos, mudança de valores e aperfeiçoamento de habilidades, condições básica para estimular maior integração e harmonia dos indivíduos com o meio ambiente.

As políticas ambientais e os programas educativos relacionados à conscientização da crise ambiental demandam cada vez mais novos enfoques integradores de uma realidade contraditória e geradora de desigualdades, que transcendem a mera aplicação dos conhecimentos científicos e tecnológicos disponíveis.

O principal eixo de atuação da Educação Ambiental deve buscar, acima de tudo, a solidariedade, a igualdade e o respeito à diferença por meio de formas democráticas de atuação baseadas em práticas interativas e dialógicas. Isto se consubstanciando objetivo de criar novas atitudes e comportamentos diante do consumo na nossa sociedade e de estimular a mudança de valores individuais e coletivos (JACOBI, 1997).

A Educação Ambiental é atravessada por vários campos de conhecimento, o que a situa como uma abordagem multirreferencial, e a complexidade ambiental (Leff, 2001) reflete um tecido conceitual heterogêneo, “onde os campos de conhecimento, as noções e os conceitos podem ser originários de várias áreas do saber” (Tristão, 2002).

A educação insere-se na própria teia da aprendizagem e assume um papel estratégico nesse processo, parafraseando Reigota, podemos dizer que

...a educação ambiental na escola ou fora dela continuará a ser uma concepção radical de educação, não porque prefere ser a tendência rebelde do pensamento educacional contemporâneo, mas sim porque nossa época e nossa herança histórica e ecológica exigem alternativas radicais, justas e pacíficas. (1998, p.43)

2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL CIDADANIA E SUSTENABILIDADE

A reflexão crítica sobre o conhecimento científico e as implicações na sociedade, soma-se a reflexão sobre o papel na construção de uma ideia de sustentabilidade. De acordo com o Dicionário Michaelis (1998), sustentabilidade significa “qualidade de sustentável”, ao que se refere ao “que pode ser sustentado”. Para Bourdieu (2000, p. 15), “o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras”.

O conceito de Desenvolvimento Sustentável catalisa um conjunto de temas que expressam os anseios e aspirações da sociedade contemporânea, podendo ser desdobrado nos diversos compartimentos sociais que compõem o mundo globalizado que hoje vivemos. São usadas também na tese expressões

como Crescimento Sustentável e Consumo Sustentável para apresentar uma nova visão de progresso econômico e social mais abrangente e adequada para a humanidade.

Para a formação de um sujeito ecológico, enquanto identidade ideal e seus efeitos de uma atividade ecológica na vida cotidiana se identificam com universos de valores, como práticas ecológicas que são subjetivadas em experiências concretas da vida. Dessa forma, os sujeitos da ação ambiental são integrantes de movimentos e organizações ecológicas, ONGs (Organizações Não Governamentais) institutos de pesquisa e até mesmo pessoas comuns que se identificam como simpatizantes, identificando-se em alguma medida com a causa e tentando incorporar parcialmente alguns valores ecológicos em suas opções e projetos de vida. (CARVALHO, 2008)

O conceito de Desenvolvimento Sustentável, ou Sustentabilidade em sua definição original, pode ser aplicado pelos diferentes segmentos da sociedade, desde o setor governamental nos níveis nacional, regional e local, à sociedade organizada, por meio das organizações não-governamentais, como pelo setor produtivo, peça fundamental em qualquer dos enfoques a aplicações que se queira dar a esse conceito.

O Desenvolvimento Sustentável pressupõe interdisciplinaridade, na medida em que sua evolução nos leva a trabalhar com três macro temas que compõe o chamado “Triple Bottomline”, ou seja, os aspectos ambientais, sociais e econômicos. A sinergia entre esses aspectos permeia a aplicação do conceito de Desenvolvimento Sustentável, ou Sustentabilidade, onde quer que ele seja aplicado, tanto em nível governamental, como da sociedade civil ou na seara empresarial. Pode-se também trabalhar com outras dimensões do desenvolvimento sustentável, como por exemplo, os aspectos culturais, tecnológicos e políticos.

3 SUSTENTABILIDADE

3.1 CONHECER A REALIDADE PARA MUDAR

Nos dias atuais percebemos uma sociedade muitas vezes desigual, onde certas famílias têm de mais e outras, o mínimo a sobreviver. Em uma

sociedade assim muitas vezes é necessário achar soluções, para que consiga um meio de vida um pouco mais confortável, dentro de seu lar para com sua família.

Freire diz:

Nosso compromisso, enquanto cidadão nesta sociedade globalizada é o de uma visão mais clara e ampla com a qualidade ambiental para um presente e futuro próximo, onde o homem terá oportunidade a sua vez e voz, tendo como vista não o espaço próximo de ação, mas também o horizonte planetário. (FREIRE, 2000, p. 66-67)

Neste pensamento, de sociedade e meio ambiente, a educação popular centra-se no atendimento das camadas populares marginalizadas para que estes se apropriem do saber como conhecimento ou instrumento de um saber usado na realização de objetivos de cunho social dessas camadas de excluídos.

Falar em educação popular é dizer da necessidade formal de ocultar o seu modo próprio de ver e entender o mundo que o cerca, sua cultura e não tentar impor outro modo de vida. A educação popular deve partir de projetos populares que abranjam as necessidades e aspirações do povo para o povo, caso contrário esta seria apenas controlado por alguns "atores sociais" que querem a manutenção do sistema e da ordem social, estes formam grupos que querem o populismo educativo.

A sustentabilidade, para Gray (2003), é um conceito difícil de aplicar em qualquer corporação individual. Ele é basicamente um conceito global. Mas isto não significa que não tenha aplicação em corporações – como, um número cada vez maior de empresas e grupos de pressão e solucionadores de problemas corporativos está rapidamente reconhecendo.

O papel da escola em relação à sustentabilidade é informar, aos alunos e comunidade sobre as inovações tecnológicas em relação ao aquecimento global, ao efeito estufa, à produção de energia e alimentos, à gestão da água e dos resíduos, desmistificando a problemática ambiental pelo conhecimento científico, dos quais muitas famílias sabem pouco sobre o que seria o aquecimento global suas causas e consequências para o ser humano. Muitos só têm o conhecimento da poluição criada pelo seu próprio lixo, o que ainda hoje é pouca informação para a grande maioria famílias.

A educação popular é criada na classe popular, ela é histórica, concreta e, portanto autêntica e autônoma, por isso deve ausentar a ideologia e domínio de um sistema pré-estabelecido, baseada na construção de um saber instrumento, pois os métodos devem variar conforme as necessidades de um saber como instrumento distinto de seu cotidiano.

Brandão diz que:

A educação popular neste aspecto deve promover uma educação que exercite sua capacidade de direção e fomenta as tomadas de decisões junto a "atores sociais" envolvidos nos mais variados contextos. Deve-se recriar o próprio saber e não apenas uma acumulação de conhecimento fragmentado e distante de seu cotidiano. (BRANDÃO, 1990, p. 20):

Sabendo das necessidades de algumas famílias do bairro e arredores da escola, surgiu a ideia da construção de moveis simples e práticos partindo da utilização de pallets, os quais muitas vezes são descartados das empresas, e com isso tornando-se entulho e poluindo o meio ambiente. Após a conversa com algumas famílias, foi se questionado se aceitavam a participar de oficinas de construção de moveis os quais seriam doados a eles e a escola, para serem utilizados na biblioteca e sala de recreação após a reforma.

Para a formação de um sujeito ecológico, de acordo com Carvalho (2008), é aquele que, enquanto identidade ideal e seus efeitos de uma atividade ecológica na vida cotidiana se identificam com universos de valores, como práticas ecológicas que são subjetivadas em experiências concretas da vida.

O projeto focou a Educação Ambiental como atividade, na qual a comunidade tenha a participação dentro do ambiente escolar e assim aprenda que nem tudo o que é descartado pode ser considerado lixo ou algo que não pode ser reutilizado, sendo assim a conscientização ambiental:

É participativa, comunitária, criativa e valoriza a ação. (...). É transformadora de valores e atitudes através da construção de novos hábitos e conhecimentos, criadora de uma nova ética, sensibilizadora e conscientizadora para as relações integradas ser humano/sociedade/ natureza, objetivando o equilíbrio local e global... (GUIMARÃES, 2005, p. 28)

Dessa forma, ainda com base em trabalho de Carvalho (2008), os sujeitos da ação ambiental são integrantes de movimentos e organizações ecológicas, ONGs, institutos de pesquisa e até mesmo pessoas comuns que se identificam como simpatizantes, identificando-se em alguma medida com a causa e tentando incorporar parcialmente alguns valores ecológicos em suas opções e projetos de vida.

Partindo desta proposta e a participação das famílias da comunidade na execução deste projeto pode-se tornar uma fonte de renda, na qual muitos poderão mudar sua qualidade de vida, com uma renda extra e ao mesmo tempo cuidando do meio ambiente, diminuindo uma boa quantidade de madeira que antes era somente jogada em um local qualquer.

4 RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento prático do projeto estava estabelecido para iniciar na segunda quinzena de agosto de 2014, devido à falta de condições, local apropriado como ambiente e materiais necessários, para a execução do projeto deu-se início em novembro.

Como o projeto visa à reutilização de materiais recicláveis, foram enviados ofícios e entrou em contato com alguns locais, como empresas e fábricas os quais trabalhavam com produtos dos quais precisávamos, como palletes, pó de moletom, courvim, para uma possível doação para a realização da nossa oficina. Conseguimos com a senhora Rosana Rezende dos Santos Silva, proprietária da fábrica de travesseiros e mãe do aluno Eduardo Abelardino da Silva doação do material para almofadas. Material esse ilustrado nas fotos nº1 e nº2



Figura 1- pó de moletom para encher as almofadas



Figura 2- tecido para estofados

Quanto às costureiras, esta parte foi a mais difícil, talvez a mais complicada, pois muitas não queriam destinar uma parte do seu tempo para costurar em troca do produto final, davam a desculpa de estarem com muita costura para seu dia-a-dia, no qual é parte da renda da família, auxiliando no orçamento doméstico.

Após, algumas conversas com os alunos, os quais comentavam que suas mães eram costureira, ou sabiam costurar e possuíam máquinas, conseguimos conversar e nos reunir com uma mãe que se ofereceu em participar do projeto, a Senhora Nita Ferreira da Silva, mãe da aluna do 4º ano B, Rafaeli Fernanda da Silva. Em troca ela queria uma parte do pó de moletom para confecção de almofadas para sua casa, e outros materiais ali utilizados.



Figura 3- senhora Anita costurando as almofadas

Após a Sra. Nita confeccionar nossas almofadas, na escola, iniciou-se o processo de enchimento, junto com os alunos do integral, e auxílio de uma funcionária de serviços gerais alunos estes que fazem o contra turno na escola. Conforme mostra a figura abaixo.



Figura 4-Alunos e funcionária enchendo as almofadas.

Neste momento necessitávamos de mão de obra para a construção dos sofás, ou seja, marceneiros ou pessoas que soubessem fazer o manuseio destes materiais como: serrotes, serras, martelo, entre outros instrumentos. Quando conseguimos o marceneiro que se dispôs a nos auxiliar com o corte e confecção da armação do sofá, dias depois foi chamado para um serviço no litoral, a qual não podia dispensar, sendo assim, nossa oficina parou novamente até seu retorno,

Ao dar seguimento à construção dos móveis com palletes, a escola recebeu a informação que seria reformada, sendo desmanchadas algumas salas para a construção de um novo ambiente, desta forma os materiais que ali estavam armazenados necessitavam ser retirados, e o projeto deveria ser adiado temporariamente até o início do próximo ano, pois não tínhamos espaço para trabalhar, e armazenar os materiais, que precisou ser removido da escola, nesta mesma data os alunos que faziam parte do integral também foram dispensados. Observando na foto nº5 as salas de madeira onde ficavam armazenados os materiais em uma delas, as quais serão desmanchadas para a reforma e construção de novos ambientes.



Figura 5- imagem das crianças enchendo as almofadas em frente as salas de madeiras.

A reforma da escola iniciou-se em meados de novembro de 2014, sendo para estarem prontas no início do ano letivo de 2015, e assim, dando continuidade as oficinas de móveis de palletes.

Em um final de semana este material foi retirado da escola e levado para minha casa a qual foi dado vários destinos, ou seja, conseguimos um artesão que levou as almofadas para sua casa para serem cheias quando houvesse tempo disponível para esse trabalho, uma das serventes ofereceu-se para a confecção e enchimento do outro colchão que será colocado na sala de cinema, da escola, sala esta composta por uma TV e DVD e um data show, no qual as crianças terão um momento de lazer assistindo vídeos, junto com seus professores.

Ao termino do ano letivo, já estávamos com as almofadas prontas, feitas de acordo com as medidas passadas pelo artesão Alexandre José dos Santos, marido da professora Maria Izabel Andreatta.

Ao iniciar as aulas, em fevereiro de 2015, ainda era impossível retornar o projeto dentro da escola, pois a previsão da reforma em estar pronta no início do ano ainda estava por começar. A escola ainda contava com 4 salas a menos, as turmas do integral também não dariam início neste momento por falta de espaço para comportar as crianças no período de contra turno.

Ao iniciar o mês de fevereiro, entramos em contato com o marceneiro, Senhor Oraci Pereira dos Passos, pai do aluno Vinicius Pereira dos Passos 3º ano C, e com outros pais, o senhor José Ferraz Rodrigues Neto, proprietário da empresa Ferraz Faz- Pinturas e Acabamentos. Estes exercem a função de marceneiro e se dispuseram a trabalhar e dar continuidade a este projeto.

Levamos os palletes e os materiais disponíveis até a residência do Sr. Oraci e junto com mais um pai de aluno o Sr. José, realizaram a construção do sofá com palletes, durante um fim de semana.

Neste momento percebemos que não seria um projeto fácil, pois percebemos que havia palletes de tamanhos e materiais diferentes, pois alguns desses foram pego em diversos locais. Desta forma o trabalho que seria executado em poucas tardes, lavaram mais tempo ainda, também além de um simples serrotes precisaram-se utilizar materiais elétricos como makita, que no

momento não estava disponível sendo necessário deixar para um próximo fim de semana.

Percebemos também a necessidade de angariar mais alguns palletes compatíveis com alguns que tínhamos para facilitar a tarefa. Conseguimos mais alguns com uma vizinha que estava descartando alguns.

A figura abaixo mostra o senhor Oraci recolhendo os palletes.



Figura 6: Senhor Oraci recolhendo os palletes.

Após algumas horas de trabalho entre marteladas e serrote, corte e montagem, nosso primeiro sofá ficou pronto. As figuras a seguir ilustram as dificuldades e recompensas do projeto.



Figura 7- utilização de serrote e martelo para corte da madeira



Figura 8- utilização da maquina para cortar madeira



Figura 9 – montagem do sofá



Figura 10- colocação das almofadas

Figura 11- o aluno Vinicius testando o sofá.



Figura 11 - Sofá concluído

Mas como sempre, o trabalho árduo tem sua recompensa, em mais alguns fins de semana, e junto com a comunidade conseguimos realizar nosso projeto. Sendo assim, após o termino da reforma da nossa escola conseguimos montar nossa sala de vídeo e nossa biblioteca, com um pouco mais de conforto para nossos alunos. Se possível daremos continuidade em nossa construção de móveis conseguimos obter mais alguns sofás e tabladós com colchões para nossos alunos terem momentos de lazer lendo ou vendo um vídeo com um pouco mais de conforto.

Após alguns fins de semana de trabalho, já podemos testar e aprovar nosso sofá, está precisando de uma mão de tinta para ficar melhor e combinar com o tecido do colchão.

Este já está aprovado por todos que auxiliaram na construção do sofá e colchonete. Aguardamos o fim da reforma de nossa escola para podermos testar com as crianças.

5- DESTINO DADO AO MATERIAL QUE SOBROU

A Nita, costureira ficou com courvim e uma parte do pó de moletom. Ela confeccionou um almofadão para o banco que já estava pronto



Figura 12: almofadão com enchimento de pó de moletom

A Barbara, funcionária da escola utilizou o pó de moletom para encher um colchão e colocar na sala para as crianças assistir televisão.



Figura 13- colchão para assistir televisão

O senhor Alexandre, que nos doou os primeiros palletes, aproveitou a ideia e fez um cadeirão e a esposa utilizou o pó de moletom para encher as almofadas.

Figura 14- cadeira de palletes com almofada de pó de moletom



Figura 15 – cadeira de palletes

Alguns professores compraram da Nita almofadas prontas e encheram com pó de moletom para serem utilizadas conforme a necessidade de cada um.



Figura 16- almofadão multiuso

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pode ser visto por meio das ilustrações, no decorrer do projeto o foco foi modificado. Começamos a intervenção com os palletes e nos esbarramos com o courvim, pó de moletom e se tivéssemos esmiuçado mais poderíamos ter aproveitado a espuma, retalhos de tecidos e outros materiais que são descartados na natureza sem nenhuma responsabilidade. A cada dia vemos catástrofes acontecendo e sabemos que o único responsável é o Homem.

A solução é a conscientização e deve ser iniciada desde a Educação Infantil, para que quando o educando atinja a maioridade já esteja com a consciência e o caráter formado para que possamos deixar aos nossos descendentes um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000

CANCLINI, Nestor García. **As culturas populares no capitalismo** (tradução Claudio Novaes Pinto Coelho). São Paulo: Brasiliense, 1983.

DECLARAÇÃO de Tbilisi. <http://www.gdrc.org/uem/ee/tbilisi.html>. Acesso em: 16/03/2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GALLO, Zildo. **Ethos, a grande morada humana: economia, ecologia e ética**. Itu: Ottoni, 2007.

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental da educação**. 7.ed. Campinas: Papirus, 2005. JACOBI, P. Meio ambiente urbano e sustentabilidade: alguns elementos para a reflexão. In: CAVALCANTI, C. (org.). **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1997.

LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

MACHADO, A. A. **Ambiental internacional: A construção social do acidente químico ampliado de Bhopale da convenção 174 da OIT**. Rio de Janeiro, vol. 28, no 1, janeiro/junho 2006, pp. 7-51 GRAY, R. **Responsabilidade, sustentabilidade e contabilidade social e ambiental: o setor corporativo pode se pronunciar?**

<http://www.gla.ac.uk/departments/accounting/csear/studentresources/index.html>
acesso em 23/02/2015.

<http://pt.slideshare.net/dbdpucrio/semanameioambiente2014-2-35450990>

MEADOWS, D. et al. **Limites do crescimento**: um relatório para o projeto do Clube de Roma sobre os problemas da humanidade. São Paulo: Perspectiva, 1972.

MEDINA, N. **Educação Ambiental**: Uma nova perspectiva. Série Cadernos Pedagógicos. Cuiabá: Secretaria Municipal de Educação e Universidade Federal do Mato Grosso, 1994.

MICHAELIS, H. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MORADILLO, E. F & OKI, M. C. M. **Educação ambiental na universidade: construindo possibilidades**. *Quim. Nova*, Vol. 27, No. 2, 332-336, 2004.

ONU. **Declaração de Estocolmo de 1972.** Disponível em: <www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/estocolmo.doc>. Acesso em: 26/02/2015.

PÁDUA, S.; TABANEZ, M. (orgs.). **Educação Ambiental:** caminhos trilhados no Brasil. São Paulo: Ipê, 1998.

REIGOTA, M. **Desafios à Educação Ambiental Escolar.** In: JACOBI, P. et al. (orgs.). Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências. São Paulo: SMA, 1998.

SCHUMACHER, M. V.; HOPPE, J. M. **A complexidade dos ecossistemas.** Porto Alegre: Pallotti, 1997.

SORRENTINO, M. De Tbilisi a Tessaloniki. **A educação ambiental no Brasil.** In: JACOBI, P. et al. (orgs.). Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências. São Paulo: SMA.1998.

TRISTÃO, M. As **Dimensões e os desafios da educação ambiental na sociedade do conhecimento.** In: RUSHEINSKY, A. (org.). Educação ambiental: abordagens múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 2002.